

A DIVERSIDADE NA UNIDADE: A QUESTÃO ECUMÊNICA DIVERSITY IN UNITY: THE ECUMENICAL MATTER

Antônio Vicente Pereira Neto¹
Kelly Thaysy Cabral Lopes²

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre a diversidade na unidade: a questão ecumênica. A meta deste artigo, pautado em uma pesquisa bibliográfica, é promover um diálogo acerca do ecumenismo. A unidade da Igreja não será abalada diante da variedade presente nos nossos dias, principalmente se os cristãos tomarem consciência da sua origem divina. Sendo assim, os cristãos devem se unir conforme Jesus pediu ao Pai na sua oração Sacerdotal para que haja unidade da Igreja, da mesma forma que há na Trindade. Através da oração, do diálogo, da conversão, da verdade dita com caridade, o ecumenismo trilhará o caminho do retorno a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, aquela que é o Corpo Místico de Cristo, do qual somos os seus membros, isto é, o Povo de Deus.

Palavras-chave: Unidade. Ecumenismo. Igreja.

ABSTRACT

This article aims at a reflection on diversity in unity: the ecumenical question. The goal of this article, based on a bibliographical research, is to promote a dialogue on ecumenism. The unity of the Church will not be shaken with the variety present in our days, especially if Christians are become conscious of their divine origin. Thus, Christians must unite as Jesus asked the Father in his priestly prayer so that there be unity in the Church, just as it exists in the Holy Trinity. Through prayer, dialogue, conversion, through truth said in charity, ecumenism will walk its path of return to the One, Holy, Catholic and Apostolic Church, that which is the Mystical Body of Christ, of which we are members, that is, the People of God.

Keywords: Unit. Ecumenism. Church.

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta a diversidade na unidade: a questão ecumênica. Tematizar a questão ecumênica, na busca em resgatar a unidade realizada no início da Igreja, deve-se ser o empenho constante da Igreja Católica e das demais comunidades Cristãs separadas. Para isto, faz-se necessário uma conversão interior perene e perseverante, uma sincera vontade de comunhão, resgatando o desenvolvimento do diálogo e da caridade na verdade. Neste itinerário, torna-se imprescindível a conversão interior, pautada no ato concreto dos filhos pecadores da Igreja pedirem perdão a Deus e a pedirem e darem o perdão aos irmãos cristãos separados. O diálogo ajudará também neste processo de retorno a verdadeira unidade almejada Jesus Cristo.

¹ Graduando em Teologia no Seminário Arquidiocesano da Paraíba - SAPIC

² Professora da disciplina: Eclesiologia IV – Ecumenismo no SAPIC. Mestranda em Ciências das Religiões.
E-mail: thaysy.lopes@gmail.com

A Diversidade na Unidade: A Questão Ecumênica

Começamos a tratar sobre a questão ecumênica tão necessária para a unidade do povo de Deus. A Carta Encíclica *Ut unum sint* sobre o ecumenismo escrita pelo Santo Padre João Paulo II, tem o propósito de fazer crescer a dedicação em prol da plena unidade de todos os cristãos.

“esta unidade, que o Senhor deu à sua Igreja e na qual Ele quer abraçar a todos, não é um elemento acessório, mas situa-se no centro mesmo da sua obra. Nem se reduz a um atributo secundário da comunidade dos seus discípulos. Pelo contrário, pertence à própria essência desta comunidade. Deus quer a Igreja, porque Ele quer a unidade, e na unidade exprime-se toda a profundidade da sua ágape” (n. 9).

Percebe-se que desde os primórdios da Igreja houve divisões entre os cristãos. Paulo fala das desavenças na Igreja de Corinto (cf. 1 Cor. 1, 10-12). João lamenta-se daqueles que difundem um falso ensinamento (cf. 2 Jo. 1, 10) ou que pretendem ocupar na Igreja o primeiro lugar (cf. 2 Jo. 1, 9). Tem início uma dolorosa história, que registrou em todas as épocas, com a formação de grupos particulares de cristãos que se afastaram da Igreja católica, o manifestar-se de cismas e de heresias e o nascimento de Igrejas “separadas”.

Ao longo dos séculos houve várias rupturas entre os discípulos de Jesus Cristo, os quais macularam o desígnio do Senhor de dá continuidade a Sua missão através da Igreja Católica. Diante da diversidade e variedade histórica das Igrejas Cristãs do Oriente, deve-se trilhar o caminho legítimo da diversidade, a qual não se opõe a unidade que acontece em comunhão com Pedro, escolhido por Jesus, após sua profissão de fé, o Senhor decidiu edificar a sua Igreja. Pedro unido ao Colégio Apostólico representado pelos Apóstolos recebeu a missão vinda de Jesus: para ensinar, governar e santificar a Igreja. Sendo assim, o Catecismo da Igreja Católica nos ensina

O Decreto sobre o Ecumenismo, do Concílio Vaticano II, explicita: “Pois somente por meio da Igreja católica de Cristo, a qual é meio geral de salvação, pode ser atingida toda a plenitude dos meios de salvação. Cremos que o Senhor confiou todos os bens da Nova Aliança somente ao Colégio Apostólico, do qual Pedro é o chefe, a fim de constituir na terra um só Corpo de Cristo, ao qual é necessário que se incorporem plenamente todos os que, de alguma forma, já pertencem ao povo de Deus”. (CIC816 p. 234)

A *Koinonia* dos crentes, a autoridade dos apóstolos e dos seus sucessores é um serviço que se exerce no âmbito sacramental, doutrinal e pastoral, em função de uma

unidade não só de doutrina, mas também de direção e de governo. Escreve São Paulo: “a uns Ele constituiu Apóstolos, a outros, Profetas, a outros, Evangelistas, Pastores e Doutores, para a edificação do Corpo de Cristo; até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus” (Ef. 4, 11-13).

Dentro deste contexto percebe-se a necessidade que continue a haver variedade. A unidade da Igreja não sofrerá com isso, sobretudo se os cristãos, conscientes da sua origem divina, a invocarem constantemente na oração, isto porque ela é fruto da ação do Espírito Santo.

Jesus, na sua oração Sacerdotal, pediu ao Pai a unidade dos Apóstolos e também de todos aqueles que pelo poder da Palavra passarão a crer no Senhor: “Não rogo somente por estes (os Apóstolos), mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em Mim, para que todos sejam um só; como tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós” (Jo. 17, 20-21). A unidade do Pai e do Filho no Espírito Santo é o andamento supremo da unidade da Igreja. A perfeição daquela unidade transcendente deve ser imitada, “para que eles sejam perfeitos na unidade” (Jo. 17, 23). Portanto, esta unidade divina é o princípio que funda a unidade dos cristãos: “que também eles estejam em Nós” (Jo. 17, 21).

Através do exercício da oração, chegaremos à seguinte compreensão: “Os que hoje em dia nascem em comunidades que surgiram de tais rupturas e estão imbuídos da fé em Cristo não podem ser argüidos de pecado de separação, e a Igreja católica os abraça com fraterna reverência e amor... Justificados pela fé recebida no Batismo estão incorporados em Cristo, e por isso com razão são honrados com o nome de cristãos e merecidamente reconhecidos pelos filhos da Igreja católica como irmãos no Senhor”. (CIC 818, p. 235)

Cristo foi suspenso na cruz e glorificado, a unidade da Igreja foi adquirida através do sacrifício redentor. Por exemplo, lemos no Evangelho de João: “Jesus devia morrer não somente pela Nação, mas também para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos” (Jo. 11, 51-52). Com o seu sacrifício, Jesus criou “um só homem novo” e reconciliou os homens entre eles, destruindo a inimizade que os dividia (cf. Ef. 2, 14-16).

Derramou sobre nós o Espírito Santo e juntou na unidade da fé, esperança e caridade o povo da nova Aliança, que é a Igreja. O Decreto Unitatis Redintegratio “sobre o Ecumenismo” nos diz que: “O Espírito Santo, que habita nos crentes, penetra e rege toda a Igreja, realiza aquela maravilhosa comunhão dos fiéis e une a todos tão intimamente em Cristo, que é o princípio da unidade da Igreja”.

O Batismo e a Eucaristia comunicam o Espírito Santo e Ele age na Igreja, gerando em nós a unidade “foi num só Espírito que todos nós fomos batizados, a fim de formarmos um só corpo e todos temos bebido de um só Espírito” (1 Cor. 12, 13). “Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo” (1 Cor. 10, 17). Por sua vez “o Batismo, pois, constitui o vínculo sacramental da unidade que liga todos os que foram regenerados por ele”. (CIC 1271, p. 353)

O Pai envia o Filho para que haja unidade de toda humanidade dispersa pelo pecado. Através do Batismo o homem e a mulher tornam-se Corpo de Cristo, onde se realiza a reconciliação e a comunhão. A carta encíclica *Ut Unum Sint* afirma que: “A divisão contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda a criatura”.

Para que se realize o ecumenismo, torna-se urgente a conversão interior, a iniciativa de nós pecadores pedirmos perdão a Deus e aos irmãos separados e perdoá-los pelas ofensas recebidas. O Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo nos diz:

“Lembrem-se todos os cristãos de que tanto melhor promovem e até realizam a união dos Cristãos, quanto mais se esforçarem por levar uma vida mais pura, de acordo com o Evangelho. Porque, quanto mais unidos estiverem em comunhão estreita com o Pai, o Verbo e o Espírito, tanto mais íntima e facilmente conseguirão aumentar a fraternidade mútua. (n. 7, p. 22 6)

Resgatar a unidade realizada no início da Igreja, dita pelo Concílio Vaticano II: “A Igreja foi fundada por Cristo Senhor nosso como uma e única” (UR, 1), requer nos dias atuais um autêntico empenho ecumênico pautado numa sincera vontade de comunhão, resgatando o desenvolvimento do diálogo da caridade na verdade. A Carta Encíclica *Ut unum sint* colabora neste diálogo pela unidade:

O Concílio diz que “a Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele, e contemporaneamente reconhece que « fora da sua comunidade visível, se encontram muitos elementos de santificação e de verdade, os quais, por serem dons pertencentes à Igreja de Cristo, impelem para a unidade católica” (n. 10)

O Concílio nos ensina que todos os que estão separados da Igreja Católica mantêm certa comunhão, incompleta mas real, com ela. A Igreja reconhece todos os que acreditam em Jesus Cristo e foram batizados como ela batiza, eles são como irmãos no Senhor, mesmo diante das divergências no tocante a doutrina, disciplina e estrutura. O que nos une é a Palavra de Deus escrita, a vida da graça, a fé, a esperança e a caridade e outros dons interiores do Espírito Santo, tudo isto provém de Cristo e pertence à única Igreja de Cristo.

Por isso, as Igreja e comunidades separadas, embora creiamos que tenham defeitos, de forma alguma estão despojadas de sentido e de significação no mistério da salvação. Pois o Espírito de Cristo não recusa servir-se delas como de meios de salvação cuja virtude deriva da própria

plenitude de graça e verdade confiada à Igreja católica. (UR, n. 3, p. 220)

Com esta busca pela unidade se quer realizar plenamente o que Deus concretizou no dia de Pentecoste, manifestando ao mundo a sua Igreja, por está razão todos devem dedicar-se através da oração, conversão e do sofrimento que vem da cruz de Cristo a chegarem a plena unidade.

O caminho que se deve trilhar na busca pela unidade entre os fiéis católicos e os cristãos das outras Igrejas e comunidades cristãs se dá através do ecumenismo. Não podemos ficar indiferentes a divisão que atormenta há muitos séculos o universo cristão.

Tanto os católicos como os não católicos devem sentir uma angustia profunda diante desta divisão que contraria as palavras de Nosso Senhor Jesus na última Ceia, onde Ele clama ao Pai para que os apóstolos e aqueles que hão de crer Nele, sejam um, como o Pai esta no Filho e o Filho está no Pai, que todos aqueles que crêem estejam no Pai e no Filho para que o mundo acredite que o Pai envio o Filho (Jo 17, 20-21). Diante desta palavra de vida eterna, resta-nos em primeiro momento tomar a atitude de clamarmos a Deus, motivados para atingirmos a unidade através da ação poderosa do Espírito Santo.

Sabemos que toda dedicação em prol do caminho ecumênico é repleto de dificuldades, onde nos sentimos muitas vezes impotentes, por este motivo devemos recorrer à onipotência divina através da oração, acompanhado de estudos, encontros, trocas de idéias e experiências adquiridas, que realizamos anualmente durante a semana em favor da unidade dos cristãos. Devemos manter todo empenho para evitarmos palavras, preconceitos que gerem divisão, evitando viver o sentido correto do ecumenismo.

Por “movimento ecumênico” entendem-se as atividades e iniciativas, que são suscitadas e ordenadas, segundo as várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de favorecer a unidade dos cristãos. Primeiro todos os esforços para eliminar palavras, juízos e ações que não correspondem com equidade e verdade, à condição de irmãos separados e, por isso, tornam mais difíceis as relações com eles. (UR, n. 4, p. 221)

O diálogo contribui para que haja um conhecimento mútuo, isto quando é desenvolvido entre pessoas preparadas, gerando estima e compreensão recíproca. Neste dinamismo pautado pelo diálogo, faz-se necessário reconhecer a ação da graça de Deus nos irmãos que ainda não estão em plena comunhão com a Igreja Católica.

O diálogo não se articula exclusivamente à volta da doutrina, mas envolve toda a pessoa: é também um diálogo de amor. O Concílio afirmou: “É mister que os católicos reconheçam com alegria e estimem os bens verdadeiramente

cristãos, oriundos de um patrimônio comum, que se encontram nos irmãos de nós separados. É digno e salutar reconhecer as riquezas de Cristo e as obras de virtude na vida dos outros que dão testemunho de Cristo, às vezes até à efusão do sangue. Deus é, com efeito, sempre admirável e digno de admiração em suas obras” (Ut unum sint, 47)

O ecumenismo para que ele seja de fato verdadeiro e repleto de frutos, requer uma abertura por parte dos fiéis católicos a vivência da caridade, onde os mesmos se dispõem a acolher com simpatia e com o coração aberto a colaborar no que for necessário, com os irmãos separados. Os católicos devem ser fiéis a Igreja Católica. Ter o discernimento para valorizar o que é digno de elogio existente nas outras comunidades eclesiais.

Diante de tudo isto, faz-nos lembrar que o principal é assemelhar-se a Jesus Cristo em suas palavras e atitudes mediante a conversão do coração, para que aconteça uma verdadeira concórdia com os irmãos das outras Igrejas. A santidade de vida manifestada através da intimidade com Deus possibilitará a unidade com outros irmãos, porém os méritos não são nossos, mas da graça de Deus, por isso devemos nos dedicar a oração para que aconteça entre os cristãos o dom da unidade.

Esta conversão do coração e esta santidade de vida, juntamente com as súplicas particulares e públicas pela unidade dos cristãos, devem ser tidas como a alma de todo o movimento ecumênico, e com razão podem ser chamadas ecumenismo espiritual. É coisa habitual entre os católicos reunirem-se freqüentemente para aquela oração pela unidade da Igreja já que o próprio Salvador pediu ardentemente ao Pai, na vigília de sua morte: “que todos sejam um” (Jo 17, 21). (UR, n. 8, p. 226)

As dificuldades para que se chegar à unidade total e visível, será combatido e atingirá um progresso desejado por Jesus através da graça que vem de Deus. Na labuta pelo ecumenismo, torna-se de suma importância a comunhão com o Bispo local e conseqüentemente com o Papa. Dentro do dinamismo metodológico se expõe a sua própria posição e se busca o amor pela verdade vivida na caridade para que não falte o esforço por compreender os outros.

Segundo o Decreto Unitatis Redintegratio sobre o ecumenismo:

No diálogo ecumênico, os teólogos católicos, sempre fiéis à doutrina da Igreja, quando investigarem juntamente com os irmãos separados os divinos mistérios, devem proceder com amor pela verdade, com caridade e humildade. Na comparação das doutrinas, lembrem-se que existe uma ordem ou “hierarquia” das verdades da doutrina católica, já que o nexos delas com o fundamento da fé cristã é diferente. Abrir-se-á assim o caminho pelo qual, mediante esta

fraterna emulação, todos se sintam incitados a um conhecimento mais profundo e a uma exposição mais clara das insondáveis riquezas de Cristo. (n. 11, p. 229)

Os teólogos católicos devem empenhar-se em explicar a fé católica, buscando seguir as orientações do Concílio acerca da hierarquia existente nas verdades da doutrina católica, tendo como verdades fundamentais do cristianismo a Trindade e a Encarnação do Verbo (Filho de Deus) presentes no Credo. A Carta Encíclica *Ut unum sint* sobre o ecumenismo alerta para que não seja alterado o depósito da fé católica:

Retomando uma ideia que o próprio Papa João XXIII tinha expresso na abertura do Concílio, o Decreto sobre o ecumenismo menciona a forma de expor a doutrina, entre os elementos de reforma contínua. Não se trata, neste contexto, de modificar o depósito da fé, de mudar o significado dos dogmas, de banir deles palavras essenciais, de adaptar a verdade aos gostos de uma época, de eliminar certos artigos do *Credo* com o falso pretexto de que hoje já não se compreendem. A unidade querida por Deus só se pode realizar na adesão comum ao conteúdo integral da fé revelada. (*Ut unum sint*, n. 18)

As comunidades eclesiais separadas que surgiram no Ocidente a partir do período da Reforma, que professam a fé em Jesus Cristo como Deus e Senhor e reconhece a profissão de fé na Trindade, possibilitam uma base segura para que aconteça o diálogo, mesmo havendo uma distância considerável acerca da doutrina da Igreja Católica.

Consideramos primeiramente aqueles cristãos que, para glória de Deus único, Pai e Filho e Espírito Santo, abertamente confessam Jesus Cristo como Deus e único mediador entre Deus e os homens. Sabemos existirem não pequenas discrepâncias em relação à doutrina da Igreja Católica, mesmo sobre Cristo, Verbo de Deus encarnado, e sobre a obra da redenção e por conseguinte sobre o mistério e o ministério da Igreja, bem como sobre a função de Maria na obra da Salvação. (UR, n. 20, p. 236)

Existe divergências no que se refere à interpretação da verdade revelada entre a Igreja Católica e as diversas Igrejas e comunidades separadas, diante desta realidade devemos nos motivar ainda mais ao diálogo ecumênico. Temos meios para alimentar esta comunhão, de maneira toda especial através do amor a Sagrada Escritura e pelo cuidado

em estudá-la, haja vista compartilharmos do mesmo amor e zelo no aprofundamento e de testemunhar pela fé o nosso amor a Jesus Cristo. Porém, no tocante a relação existente entre as Escrituras Sagradas, a Tradição e o Magistério autêntico da Igreja, as outras comunidades eclesiais diverge desta comunhão revelada, de forma mais contundente negam a autoridade do Magistério no que está relacionado à interpretação da Palavra de Deus, mesmo assim devemos conservar o diálogo ecumênico.

Compartilhamos com estes irmãos o batismo, ele possibilita a unidade proveniente de sermos incorporados a Cristo crucificado e glorificado, para podermos participar da vida divina oferecida por Jesus Cristo. O batismo constitui “o vínculo sacramental da unidade, que liga todos os que foram regenerados por ele” Contudo, sabemos que o batismo é o início desta comunhão que se dá entre os cristãos, por isso “é necessário que se tome como objeto do diálogo a doutrina sobre a ceia do Senhor, sobre os outros sacramentos, sobre o culto e sobre os ministérios da Igreja” (UR, 22).

Faz-se necessário permanecer firmes no confronto fraterno, sustentando-se na oração, na fé e na coragem de permanecer firmes no propósito de conseguir a unidade de todos os batizados. Sabemos das dificuldades para atingirmos o ecumenismo, mas contamos com a oração realizada pelo próprio Jesus em prol da Igreja.

Agora podemos interrogar-nos sobre quanta estrada nos separa ainda daquele dia abençoado, em que será alcançada a plena unidade na fé e poderemos então na concórdia concelebrar a santa Eucaristia do Senhor. O melhor conhecimento recíproco já conseguido entre nós, as convergências doutrinárias alcançadas e que tiveram como consequência um crescimento afetivo e efetivo de comunhão, não podem bastar para a consciência dos cristãos que professam a Igreja una, santa, católica e apostólica. A finalidade última do movimento ecumênico é o restabelecimento da plena unidade visível de todos os batizados. .(Ut unum sint, n. 77)

A unidade da Igreja de Cristo se dá através da fé na oração realizada por Jesus Cristo. Sabemos que a unidade ainda não se vê de uma forma visível nos cristãos. Contudo, podemos dizer que a Igreja é santa, por ser ela o Corpo Místico de Cristo e que os seus fieis devem por sua vez buscar a reconciliação recíproca por serem pecadores e necessitados de uma constante conversão.

A Igreja “é santa, não obstante compreender no seu seio pecadores, porque ela não possui em si outra vida senão a da graça: é vivendo da sua vida que os seus membros se santificam; e é subtraindo-se à sua vida que eles caem em pecado e nas desordens que impedem a irradiação da sua santidade. É por isso que ela sofre e

faz penitência por estas faltas, tendo o poder de curar delas os seus filhos, pelo Sangue de Cristo e pelo dom do Espírito Santo” (CIC 827)

A unidade da Igreja foi constituída por Jesus Cristo sob a ação do Espírito Santo. A unidade é querida por Jesus e concedida pelo Espírito Santo. Esta unidade não é fruto de acordos entre os cristãos, mas ação de Deus no seio de sua Igreja. Por isso, a importância da abertura dos corações dos cristãos para o ação que vem do alto, no intuito de reunir os homens em um só rebanho, sob um só Pastor “Jesus Cristo”.

CONCLUSÃO

Ao término deste artigo, permaneceremos com o olhar fixo na unidade do Pai e do Filho no Espírito Santo, unidade esta geradora da unidade da Igreja. Os cristãos devem clamar pela graça de Deus, para poder por em prática a unidade tão desejada por Jesus Cristo “Não rogo somente por estes (os Apóstolos), mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em Mim, para que todos sejam um só; como tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós” (Jo. 17, 20-21). É justamente a unidade da Trindade a grande propulsora na busca contínua pelo ecumenismo. Esta unidade transcendente deve ser desejada e vivenciada para que haja a perfeição na comunhão entre os cristãos (Jo 17, 23). Como cristãos devemos exercitar constantemente a vida de oração, clamando ao nosso Deus Uno e Trino que nos conceda a graça de superarmos a divisão que contradiz a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo. Os católicos devem ser fiéis a Igreja Católica e devem buscar viver harmoniosamente a caridade fraterna juntamente com os irmãos cristãos separados, para que com o coração aberto possam colaborar na realização do ecumenismo.

REFERÊNCIAS

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 9. Ed. Loyola, 1999.
DOCUMENTOS DA IGREJA. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.
Papa João Paulo II. A IGREJA. 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Ed. Cléofas, 2001.